



Jornalismo e militância no Tocantins: O jornal Norte de Goyaz e a criação do Estado do Tocantins¹

Luciana Reis MACEDO²

Verônica Dantas MENESES³

Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO

Resumo

O Jornal Norte de Goyaz, fundado no ano de 1905 e extinto em 1980, marcou a história do jornalismo norte goiano e colocou em destaque o predomínio cultural de sua cidade de origem, a secular Porto Nacional. O artigo discute a contribuição do periódico para a emancipação do antigo norte de Goiás, oficializada em 1988, com a criação do estado do Tocantins. A partir de uma pesquisa documental e da análise de editoriais correspondentes aos dois principais momentos históricos do periódico, observamos que os discursos utilizados para se posicionar frente à luta separatista do Norte de Goiás tornaram o jornal Norte de Goyaz uma das vozes que atuaram na construção da identidade do Tocantins, pois seu principal foco foi a defesa do desenvolvimento da região por ocasião de seu claro atraso em relação ao sul de Goiás.

Palavras-chave: Imprensa brasileira; Luta separatista do antigo Norte de Goiás; Jornal Norte de Goyaz.

Introdução

O Tocantins surgiu como território singular bem antes de sua criação, com a constituição de 1988. Ele precedeu um tecido político e social traçado por laços de pertencimento e uma ligação profunda com o território. A imprensa local se constituiu um desses espaços que forjaram o sentimento de pertença e, por conseguinte, de emancipação da região conhecida antes por Norte Goiano.

Imprensa e política sempre andaram juntas desde o surgimento do primeiro jornal brasileiro, o Correio Braziliense, que era editado fora do país. O presente artigo busca

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada em 2014 em Comunicação Social/Jornalismo pela UFT. E-mail: lucianamacedo@uft.edu.br.

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da UFT. E-mail: veronica@uft.edu.br



mostrar que o Jornal Norte de Goyaz esteve ideologicamente envolvido com as questões de seu tempo e de sua região, deixando claro a perspectiva de defesa e compromisso com certos ideais. A principal delas, certamente, foi a defesa da fragmentação do estado do Goiás, libertando o norte para buscar seu próprio desenvolvimento.

O objetivo central da pesquisa foi entender como o Norte de Goyaz contribuiu para a luta separatista do Estado do Tocantins, posto que esta trajetória foi longa e no mesmo título do jornal temos pelos menos dois momentos que marcam os ideais do periódico analisado: Um nas mãos do pai, Francisco Ayres da Silva, e outro nas mãos do filho, Milton Ayres da Silva, ambos figuras proeminentes da cidade de Porto Nacional. Para tal, também buscou averiguar a história e ideologia do jornal e suas transformações nos seus 80 anos de funcionamento, contribuindo para conhecer as relações entre imprensa e política no Brasil bem como o papel da imprensa com um instrumento de propagação da ideologia dominante.

De longa tradição de luta em defesa dos interesses da Região Amazônica de Goiás, o Jornal Norte de Goyaz, fundado no ano de 1905, marcou profundamente a história do jornalismo goiano e colocou em destaque o predomínio cultural de sua cidade de origem, a secular Porto Nacional. Otávio Barros (2003, p.19) enfatiza que “o Jornal Norte de Goyaz, quinzenário e fundado pelo Doutor Chiquinho [Francisco Ayres], era veículo contrario a nossa independência política, mas defensor dos interesses da região e considerado o jornal de vida mais longa na história da imprensa goiana”.

Contudo, outros registros mostram que o sucessor de Francisco Ayres da Silva, seu filho Milton Ayres, em reunião com membros da família, fez a declaração pública de apoio à criação do Estado do Tocantins. Estes registros nos levam a questionar como de fato se deu o posicionamento do Norte de Goyaz frente à luta separatista, na medida em que os contextos político-ideológicos foram cambiando, uma vez que entendemos que a defesa dos interesses da região passa necessariamente por questões políticas e relações de poder, nas quais os veículos de comunicação estão inerentemente envolvidos.

Do final do século XVII surgiram os primeiros jornais a circular no norte goiano. Entre eles, um jornal local que realmente defendeu a criação do Estado do Tocantins, A Norma, de Oswaldo Ayres da Silva (filho e inimigo político do jornalista Francisco Ayres da Silva) que teve intensa participação na vida política, partidária e cultural de Porto Nacional (ESTADO DO TOCANTINS, dez, 1989, n. 2, p. 3).



O Jornal Norte de Goyaz, que surgiu em 1905, participou intensamente do processo político do nosso país. “Os impressos que por aqui circularam em duzentos anos não só testemunham, registram e veiculam nossa história, mas são parte intrínseca da formação do país” (MARTINS e LUCA, 2008).

Analisar a atuação do jornalismo local na luta pela criação do Estado do Tocantins, a partir do caso do Jornal o Norte de Goyaz se faz necessária, pois reconhece o histórico e decisivo papel desempenhado pelos dois defensores da imprensa sertaneja: O ex-congressista Dr. Francisco Ayres e seu filho Milton Ayres, que lançaram através das linhas do Norte de Goyaz a bandeira dos ideais nortenses que ecoaram pelas vastas regiões do norte goiano.

Ainda que de antemão os registros históricos apontem que a primeira fase do periódico tenha sido contrária ao movimento separatista e que a última fase tenha defendido a necessidade da criação do novo território, é instigante entender os contextos e os discursos reveladores desses posicionamentos, uma vez que envolvem posturas políticas e um compromisso com o desenvolvimento local.

Desenvolvemos uma pesquisa documental com quase todas as edições do Norte de Goyaz. A partir da discussão teórica, delineamos a análise de discurso como linha teórico-metodológica para chegar aos objetivos propostos na introdução desta pesquisa, uma vez que esta linha se deve inicialmente ao fato de escolhermos como *corpus* de estudo os editoriais do Jornal, que já se apresenta como uma seção suscetível a disseminar o pensamento do veículo e de seus dirigentes. Em segundo lugar, a construção do texto envolve aspectos importantes, tanto o que está dito quanto o que não foi dito e se sobressai implicitamente. Ainda, as condições históricas e os contextos culturais nos indicam aspectos essenciais para a compreensão da ideologia presente no texto. Na análise observaremos o nível do discurso, ou seja, o momento em que o sujeito da enunciação assume as estruturas narrativas, à medida que conta a história a partir de um lugar, de um contexto e de um ponto de vista. Buscaremos, assim, as marcas que revelam a intencionalidade do enunciador (GREGOLIN, 1995, pp. 16-19).

Foram selecionados seis editoriais, três do contexto histórico anterior a 1957, ano de falecimento do patriarca da família Ayres, que culminou na segunda paralização do jornal; e os demais após 1957, quando assume o seu filho, Milton Ayres, momento em que o jornal sofreu grandes mudanças tanto na linha editorial quanto gráficas.



Vale ressaltar que até então os editoriais não vinham com esta indicação, a seleção se deu a partir das condições do formato, da tradicional localização em impressos na página 2, e da identificação do sujeito enunciador como sendo O Jornal ou o Editor.

Os editoriais foram selecionados ainda a partir dos seguintes critérios: Num primeiro momento, aleatoriamente, dois exemplares por década; e em seguida uma leitura geral selecionou três editoriais de cada período acima destacados a partir da identificação de temas abordados que mais se aproximam dos objetivos e da discussão teórica do trabalho, tais como: luta separatista; norte goyano, Tocantins/tocantinense, luta política, emancipação/criação/divisão; condições socioculturais entre sul e norte.

O jornal Norte de Goyaz e a criação do Tocantins

Pedrinho A. Guareschi analisa a imprensa como um instrumento de poder e controle social e cita uma expressão de Pegoraro (1989), “conhecer é poder. A comunicação inserida no processo atual dos meios de comunicação social implica uma relação com o tipo de sociedade existente” (PEGORARO, apud GUARESCHI, 2004, p.19). Ou seja, há uma relação direta da mídia com as ideias difundidas na sociedade e nesse sentido com a ideologia dominante. Por sua vez, em uma sociedade que é caracterizada por conflitos classistas em defesa de seus interesses, é indiferente pensar que existe no campo jornalístico uma fidelidade real dos fatos (GUARESCHI, 2004,p.19).

A imprensa como vetor de informação do grande público, se configura como um dos sustentáculos do poder das classes dominantes estruturadas pelas instituições, relações e ideias. Desse modo, Guareschi destaca que as regras da verdade moral não são originalmente obedecidas, “o que existe é uma verdade parcial, alicerçada em evidências e interesses partidários e classistas. Como consequência, a comunicação e a informação que se recebem são expressões desta relação de poder (PEGORARO, apud GUARESCHI, 2004, p.19).

Nesse cenário, para Pedrinho A. Guareschi (2004, p.19), a comunicação e a informação são arrimos poderosos para os desígnios dos sistemas que detêm os “Meios de Comunicação”, meios estes, em sua maioria, propriedade de grupos políticos e econômicos, cuja concessão é instrumento de barganha com o poder político.

Afinal, o processo de construção da informação é seletivo, nem todo acontecimento vira notícia. Com isso, ao transpor o fato do lugar da normalidade, do cotidiano, para o da anormalidade, o inusitado, e ao escolher a forma de narrativa, o jornalista além de mostrar o próprio acontecimento, cria uma memória atual que rege critérios subjetivos e esboça a natureza ideológica da mídia e a questão do poder. Assim, ao determinar o que deve ser notícia ou não, a mídia valoriza elementos em detrimentos de outros, reconstrói o presente de maneira seletiva e ainda estabelece para o futuro indicações do que merece ser recordado e do o que precisa ser descartado (BARBOSA, 1984).

É preciso refletir, no entanto, outra condição da imprensa, que é a imprensa local ou regional. As formas regionalizadas e localizadas de comunicação dinamizam os contextos sociais e a própria relação da imprensa com os grupos de poder, é um espaço de mediação e articulação de culturas e sociabilidades dentro de processos específicos e dinâmicos (MENESES, 2012). Embora o dono do Norte de Goyaz, pertencesse à classe dominante, o jornal estava localizado e falava sobre o norte de Goiás. O lugar de fala do jornal era o interior do Brasil, era um lugar que não fazia parte dos discursos hegemônicos, um lugar esquecido para a maioria dos brasileiros.

O Jornal de Dr. Chiquinho, como era popularmente chamado Francisco Ayres, circulou regularmente até que forças vandálicas o destruíssem em 1925, em nome não se sabe de que princípios, já que a famosa Coluna Prestes dizia encarnar os ideais de liberdade do povo brasileiro. Tempos depois voltou à luta, com a mesma disposição, tendo, a partir de 1937, sofrido as consequências do regime de embustes que se instalou no país. O “Norte de Goyaz” aparecia de vez em quando com várias colunas em branco, em sinal de protesto contra a censura imposta aos jornais que não se submetiam as ideologias do Estado Novo.

Em 1945, Dr. Francisco Ayres da Silva retoma a lida como presidente do diretório municipal da UDN de Porto Nacional em que transmitia a juventude exemplos de combatividade e de civismo, numa idade em que a maioria dos homens prefere se aposentar com tranquilidade. Pode-se dizer que pela sua bravura e amor a terra natal, Francisco se tornou um símbolo da raça de titãs que povoou os vales do Araguaia e do Tocantins.

Desaparecido durante muitos anos com a morte de Francisco Ayres, em 1950, o Norte de Goyaz voltou na personalidade midiática do seu filho, o advogado e jornalista Milton Ayres da Silva, que de 1967 a 1980 foi responsável pelo jornal, dirigindo-o juntamente com o apoio dos filhos, pois lhe coube o direito de herdeiro.



É primordial contextualizar aqui a cidade de origem do jornal: Porto Nacional, que nasceu no final do século XVIII e no alvorecer do século XIX às margens do Rio Tocantins, a qual esteve sempre sob a atenção de renomados governantes. Em 1810, D. João VI, que pretendia a exploração das riquezas naturais da região, determinou a promoção dos serviços de navegação nos rios Tocantins e Araguaia.

O clero também se voltou para Porto Nacional. O Papa Bento XV observando a importância regional da cidade determinou, através da bula Papal em 1915, que Porto Nacional receberia o “Status de Diocese”. No período de Reinado foi denominada Porto Real. Deixou de ser povoado, tornando-se vila no Império, quando se transformou em Porto Imperial. Com a proclamação da República, recebeu finalmente o atual nome que a credencia historicamente.

Depois de levada a categoria de cidade em 13 de julho de 1861, Porto experimentava uma nova fase na virada de século ao ver circular os primeiros automóveis nas suas ruas: um caminhão Ford e um Chevrolet, além de uma carroça de tração trazida pelo tino empreendedor do deputado Francisco Ayres. A cidade se transformava aos poucos no centro do Brasil norte, fazendo com que dali se originasse grandes líderes políticos que representariam a região a nível nacional e também convergissem para lá centros educacionais que a tornaram reconhecida e formaram um grupo intelectualizado.

A cidade de Porto Nacional foi um dos principais palcos do movimento autonomista territorial, pois já acolhia intelectuais devido ao fluxo para o colégio da ordem dominicana existente. Mas sua tradição cultural se consolidou com as campanhas pró-separatistas em relação ao sul de Goiás e a produção de jornais. Este contexto evidencia-se a formação não só de uma imprensa local ativa, como também alimentava o cenário político do que seria depois o estado Tocantins.

Ao longo dos seus 80 anos, o jornal Norte de Goyaz sofreu três interrupções, mas se consolidou como um periódico que aproximava leitores com o cotidiano, assim como também para além-fronteiras, pois as informações dos problemas do norte que propagava chegavam até a capital da república no Rio de Janeiro. Além disso, notícias do mundo eram trazidas por ele nesta vasta região de sertão brasileiro.

Seu desempenho era centrado nos ideais que defendiam os interesses coletivos goianos, em que ressaltava as necessidades de uma região desassistida e abandonada à própria sorte pelo poder público central do Estado, além de um defensor incansável pelo



saneamento nas cidades do interior goiano, pautando temáticas diversificadas da agricultura, do agronegócio, da saúde, ao sanitarismo que resultavam em soluções eficazes. Teles destaca a postura de Francisco Ayres:

Pelas páginas de o Norte de Goyaz, jornal que fundou em 1905, e que sustentou por vários longos anos, combateu a ditadura, deixando à mostra sua forte vocação política. Procurou sempre, conhecer, de perto, tudo o que se relacionasse com Goiás, suas necessidades de progresso. Isso o levou a seguir viagens pelo majestoso Tocantins na expectativa de unir as bacias do São Francisco-Tocantins-Araguaia no anseio de ordenar, para nossa grandeza, “a civilização litorânea no interior do país. Na Câmara Federal, teve sempre as vistas voltadas para sua terra, para ali levando, em 1929, os primeiros auto-motores, depois de, por sua própria conta, realizar, entre as bacias hidrográficas, a necessária ligação rodoviária (TELES, 1979, p.21).

A primeira edição do jornal Norte de Goyaz se deu no começo da República Velha, (1889-1930). Como instrumento valioso de defesa da região, o jornal Norte de Goyaz tem no seu primeiro número uma “carta de princípios” que admite ter que lutar pelo terreno obscuro da política, apelando para uma maior visibilidade do estado de Goiás para a nação brasileira. Diz o editorial:

O Norte de Goyaz sahe hoje a lume graças a esforços que vêm sendo concentrados de tempo a esta parte. Ao iniciar-se sua publicação traz desejos ardentíssimos de pugnar pelos múltiplos interesses d’esta vasta região do Estado, indo esmerilha-los onde quer que se façam sentir. [...] Terá, por vez, de resvalar pelo terreno escabroso da política, mesmo ahi collimará exclusivamente os interesses colectivos, único eixo em torno do qual fará gyrrar toda sua actividade. É ingentíssima a tarefa a que se propõe o Norte de Goyaz, mormente quando difficuldade de todos os matises se lhe antolham; traz, todavia, desejos de marchar com animo resolutu e firme levando-os de vencida uma a uma máxime si os valimentos de seus patrícios e coestadanos lhe não forem regateados. (NG, 22 set. 1905, p. 1).

O editorial anuncia o compromisso do jornal com o desenvolvimento do Norte de Goiás, com as demandas da região, ainda que não deixe claro seu posicionamento em relação à divisão do Estado. É, contudo, uma voz que se levanta para tornar pública a distinção que há entre o norte e o sul de Goiás.

A luta pela valorização do norte goiano começa um pouco antes da independência do Brasil, quando D.João VI em 1809 divide a província de Goyaz em Comarca do Norte,



ou Comarca de São João das Duas Barras, designando o desembargador Joaquim Teotônio Segurado para ouvidor-geral, e comarca do sul, designando o capitão-general Manoel Sampaio como ouvidor-responsável. Com a Comarca do norte instalada, D.João decide pelo fortalecimento da arrecadação do quinto (imposto cobrado pela exploração de minérios) e no recolhimento de tributos de ordem pecuários, escravos e comerciais. Sob a alegação que a comarca combateria o ostracismo da região, a nova unidade administrativa, pelo contrário, não obteve qualquer cortesia oriunda da Coroa, na época vinculada aos estados do Pará e Maranhão (LEITÃO, 1999, p.16). Segundo Leitão (1999, p.16), D.João VI jamais poderia imaginar que tal atitude marcaria definitivamente a divisão entre o norte e o sul goiano. Assim, o sonho de libertação era secular, atravessou os ares do Império e da República Velha até se tornar um movimento nacionalista embora pouquíssimo registrado no Brasil.

Segundo Giralдин,

Somado a isso, alguns núcleos antigos desapareceram devido à dispersão da população nos sertões. Mais tarde o ouvidor Theotônio Segurado explora politicamente essa situação econômica, pois, contrário à política regida no sul de Goiás administrada pelo capitão-general Sampaio e indiferente ao movimento pela independência política do Brasil de Portugal, resolve sair em defesa da separação do norte goiano, entre 1821 e 1823.

Em suma, segundo Duarte, Lemos, Sozinho e Sena (2010, p.4),

No Norte de Goiás, as ideias de uma elite intelectualizada refletiram para a tentativa de derrubar o capitão-general Manoel Sampaio que representava a personificação da dominação portuguesa na região. No dia 15 de setembro de 1821, o governo provisório da Comarca da Palma fez circular uma proclamação em que se declarou separado do governo. As justificativas para a separação do norte em relação ao centro-sul de Goiás eram, para Segurado, de natureza econômica, política, administrativa e geográfica.

A idealização, portanto, sobre a necessidade da criação do Estado do Tocantins, efetivado na Constituição de 1988, foi resultado de uma tradicional ideia separatista alimentada durante dois séculos entre o Império e a República no antigo norte goiano, motivada pelas dificuldades enfrentadas na região. Com Juscelino Kubitschek, eleito



presidente do Brasil em 1956, veio também promessas sustentadas pelo nacional-desenvolvimentismo, alavancadas pelo plano de metas do governo que tinha como slogan “Cinquenta anos em cinco de governo” (OLIVEIRA, 2008, p.97). Mas, ainda não foi suficiente para equilibrar o desenvolvimento do norte de Goiás e aliviar o descontentamento da população nortense. A criação do Estado do Tocantins na Constituição Federal de 1988 coroou a luta de mais de 200 anos na região para o povo nortense de uma maneira geral.

Já em 1905, o jornal Norte de Goyaz mostra as dificuldades enfrentadas em vários aspectos pela região e menciona as primeiras manifestações pela separação do Estado, mas não apoia a luta. Critica a situação não se posiciona contra o fato de se lutar pela invisibilidade do Norte de Goyaz, para minimizar a miséria que aqui se instalava, mas relata que o empenho em dividir o Estado não tinha respaldo político nem na coletividade, pois era encabeçado por um político oportunista, apoiado em reuniões secretas, conforme podemos ver nos trechos do editorial da edição de 30 de novembro de 1905.

Talvez a crítica do jornalista seja voltada para a forma como se deram as lutas incluindo a defesa de seus próprios interesses ou valores políticos, uma vez que enfatiza a necessidade de políticas voltadas para o Norte.

Entretanto, podemos verificar que os editoriais mostram que Francisco Ayres tinha um claro compromisso com o norte de Goiás. Ele era da região, e, como médico, voltou para Porto e fundou o jornal. Só depois entrou na política. Esta sua trajetória, galgando a visibilidade política, talvez justifique que seus editoriais não defendiam claramente a fragmentação do Goiás, embora deixasse claro o desequilíbrio desenvolvimentista e o descaso do poder público com o nortense.

No editorial de 30 de Março de 1939 (Numero 547), intitulado *A Rota do Tocantins*, Francisco Ayres traz à tona tema até os dias atuais debatido, a problemática de transportes, enfatizando a estrada de ferro como propulsora do desenvolvimento das regiões norte e central do Brasil, e que o responsável pelo descaso com a navegação do Tocantins, as vias terrestres e aéreas, é o próprio poder público. O enunciador se encontra engajado no projeto de modernização do Estado de Goiás. Contudo, o enunciador dispõe de um recurso para introduzir no fio de seu discurso uma fala de um informador que modaliza o efeito de verdade para o leitor:



São palavras do Contra Almirante Virginius Delamare inseridas no Correio da Manhã, de 14 deste mês, as que passamos a transcrever: <<Verificasse, d'ahi a importância que têm para a defesa do Brasil os vales dos rios Tocantins e S.Francisco; este um dos raios vectores e aquelle, o eixo da elyipse traçada tendo como fôcos, Belem e S.Paulo. (NG,22 mar,1939, p.1)

Percebe-se que o locutor é um conhecedor de perto de tudo que se relacionava à Goiás, e suas necessidades de progresso, quando se posiciona como testemunho de uma realidade, fazendo-o inclusive um intransigente defensor do sistema rodoferroviário nacional. Seus discursos trazem a marca de um homem culto e preocupado com o abandono em que se encontrava o nosso Estado, principalmente a sua região norte, que vivia na mais completa miséria, sem nenhuma ajuda dos poderes públicos.

No editorial de 1948, *O Tal Território do Tocantins*, Francisco Ayres inicia o texto já argumentando sobre outro discurso, um panfleto que circulava na região de Pedro Afonso com informações sobre as ideais do Comité Central de Propaganda procriação do Território do Tocantins. Os enunciados do editor em geral buscam respaldos em outras vozes quer, como defesa, quer de forma contrária a elas. Essa estratégia discursiva nos mostra um possível não envolvimento direto e do enunciador ou pelo menos, que o mesmo, mostra que não quer ser o propositor de determinadas situações.

O autor enumera algum conteúdo do panfleto que detalha as razões para a criação do estado. Em primeiro lugar, o panfleto fala da *via crucis* por que passa o heroico norte goiano, nesse momento Francisco Ayres repudia a ideia colocada que tudo aqui está longe do progresso e contradiz o enunciado com argumentos sobre aspectos positivos encontrados na região, como serviços de aviação, e que o próprio sul de Goiás, também se encontrou em condições de atraso em relação ao resto do Brasil devido a política brasileira. Implicitamente, entende-se que ele defende que se o sul conseguiu superar o atraso, o norte também poderá superar o que não implica a separação do estado para tal propósito. Um dos argumentos que o sujeito enunciador utiliza é a de que várias instituições de ensino têm sido criadas no norte da mesma forma que a no sul, com incentivo do Estado, mas por iniciativa privada e que possivelmente com a separação esse processo terá fim, da mesma maneira a criação de postos de saúde que segundo o autor, contradizendo o enunciado do panfleto, existem em várias cidades do norte, o questionamento do editor é se estas ações



progressistas continuarão com a criação do novo território, se haverá capacidade de manter estas ações desenvolvimentistas.

A última proposição põe a dúvida do autor sobre mudanças radicais no desenvolvimento da região, uma vez que, em outros casos semelhantes, o progresso não aconteceu como se esperava, pois seria a vontade política o principal motriz para manter o desenvolvimento, independente do tamanho do território. Implicitamente, entende-se que o autor defende a política administrativa da época, e demonstra esperança em ações desenvolvimentistas no norte, tais como aconteceu no sul.

Já no segundo momento histórico do Norte de Goyaz, no editorial de 29 de fevereiro de 1968, *Cinzas da Quaresma*, o jornal reforça o descontentamento político, enfatizando que não há nortenses ocupando cargo no alto executivo, e que o inimigo do nortense não pode ser o nortense, mas é o “desamparo sócio–econômico”. Podemos perceber que já aqui aparece um cunho separatista, pois se pode observar que a proposta editorial se encarrega de abordar o andamento da política nortense no processo emancipacionista por meio de um jornalismo mais opinativo e militante.

O contexto histórico muda, o sujeito discursivo nesta época do jornal é Milton Ayres, que torna mais evidente a desigualdade entre os poderes políticos e econômicos regionais e o centro administrativo das autoridades federais, em que, ao contrário da política de governo demonstrar um discurso anti-separatista, o povo norte-goiano está vinculado ao desejo de emancipação, e instiga que o norte goiano se convença da urgência de se firmar como força política para o progresso da região.

A construção de Goiânia, a nova capital do Estado de Goiás, vale lembrar, dificultou ainda mais a região dita Tocantins de se aproximar das decisões políticas do governo estadual diminuindo assim qualquer possibilidade de um representante nortista defender os interesses do norte (LIRA, 2011).

Milton Ayres prega, portanto, a união entre os nortenses em torno de uma luta comum, porque desunidos se enfraqueceriam, e mostra que suas ideias tem sido, pelo menos no norte, levada a meios politicamente diversos. Assim, defende uma abordagem política e ideológica que busca, neste momento, ainda a via da integração. Este discurso cresce na medida em que o orador considera que a tensão social e política vivida na região é o principal adversário do progresso do norte e não o nortense propriamente dito, neste momento enfatizando o preconceito sofrido pelas pessoas da região.



O enunciado “Sem que se projetem os líderes do norte no governo, será inútil qualquer iniciativa de progresso ou desenvolvimento desta região”, transparece que o sentimento que pauta o editorial é sempre um sentimento de patriotismo e de uma luta que têm razões históricas para os habitantes do norte pleitear a sua emancipação política.

Em novembro de 1983 o Jornal Norte de Goyaz publica seu editorial sob o título *O Homem Justo*. A ideia central que norteia o texto, percebida logo a partir do título, é a de defender o governador Iris Resende como um homem justo, que adota um modelo caracterizado "populista" porque, de acordo com a perspectiva do jornalista Milton Ayres, aqui adotada, o governador trouxe muitas benfeitorias para esta região, incluindo Porto Nacional, que na época era referenciada pela oferta de educação e de movimentos ligados a essa área.

O fato é que ao mesmo tempo em que ele destaca o olhar diferenciado para o norte goiano, tece elogios há pelo menos duas administrações e aos chamados “homens do norte”, em contraposição ao que denominou “grupos do sul”, implicitamente destacando que não se trata necessariamente da divisão do estado, mas de um posicionamento político que visa defender a população mais pobre. Neste trecho do editorial, “vieram as instituições bancárias e com elas os financiamentos para o desenvolvimento das atividades agropecuárias, o homem do norte ficou de fora”, o homem do norte já se generaliza remetendo-se a população do Norte de Goyaz.

A distinção homens do norte em contraposição a homens do sul também nos revela que há uma relevância dada individualmente aos homens que contribuem para as melhorias da região norte; por outro lado, grupos do sul parecem enfatizar maior poder, maior opressão conseqüentemente; o que nos leva a entender que há uma relação de poder que privilegia o sul.

Conclusões

O Norte de Goyaz, fundado em 1905, foi o primeiro periódico que surgiu na região do Tocantins. Era composto em tipos avulsos e durante quase meio século prestou relevantes serviços à comunidade do norte goiano, chegando a ser empastelado pela Coluna Prestes, quando de sua passagem por Porto Nacional, em outubro de 1925. Contribuiu para



compor o contexto cultural de Porto Nacional, importante para a disseminação da educação na região norte goiana.

Dr. Francisco Ayres e seu filho Milton Ayres prestaram um inestimável serviço à causa da restauração democrática em nossa terra. O “Norte de Goyaz” era uma voz isolada no grande sertão, cujas vibrações cívicas ecoaram pela vastidão da região do norte goiano, ajudando a elevar a autoestima daquele povo flagelado e esquecido, habitante do chamado “corredor da miséria”. Que as futuras gerações goianas e tocantinenses reconheçam o histórico e decisivo papel desempenhado por esses dois defensores da imprensa sertaneja, na luta não apenas por ideais políticos, mas pela dignidade de um povo.

Por sua longa tradição e pela clara defesa dos interesses da Região Amazônica de Goiás, o Jornal Norte de Goyaz marcou a história do jornalismo goiano e colocou em destaque o predomínio cultural de Porto Nacional. O ex-congressista, Dr. Francisco Ayres e seu ousado filho Milton Ayres em Porto Nacional defenderam, através das páginas do veículo, a bandeira dos ideais nortenses.

Que as futuras gerações goianas e tocantinenses reconheçam o histórico e decisivo papel desempenhado por esses dois defensores da imprensa sertaneja, na luta pela reintegração no país, da ordem jurídica e constitucional. Milton Ayres se manteve ao lado do pai na produção do Norte de Goyaz, conseqüentemente, em oposição ao seu irmão, Oswaldo Ayres, que defendia abertamente a separação do Estado. Com isso, percebemos que as condições políticas e a ideologia dominante foram mudando e com isso o posicionamento do sucessor do periódico também, alternando a linha política do Norte de Goyaz.

A partir da análise de alguns editoriais do periódico, podemos considerar que o contexto da luta pela criação do Estado do Tocantins se encontrava no campo das ideias sustentadas pelos intelectuais da região e pela imprensa, como é o caso do jornal Norte de Goyaz, que consolidou seu valor social e histórico ao assumir claramente um compromisso para mostrar a desigualdade regional imposta pela administração sul goiana ao norte goiano. Porém, com a elite intelectualizada sempre no comando, tendo em vista que as lideranças eram provenientes da oligarquia regional, o viés político se torna evidente. Esta é uma observação interessante, pois ao mesmo tempo em que se evidenciam as mazelas da região, como a pobreza e a falta de comunicação com as demais regiões do país se evidenciam a necessidade de se ver os “homens do norte” integrados aos escalões administrativos.



Francisco Ayres, mesmo sendo congressista, com uma carreira política pela frente, aparentemente se manteve mais cuidadoso em relação ao que defendia politicamente e se reservava a defesa de Porto Nacional e do norte de Goiás atribuindo-lhe as funções de um patriarca – um patriota, visando, sobretudo a restauração em torno principalmente da integração do norte goiano com o sul e o norte do Brasil.

Com Milton Ayres, o jornalismo no Brasil já está mais profissionalizado, e apesar de ter feito mudanças gráficas e de posicionamentos, o Norte de Goyaz permanecia com os ideais de defesa da região, a ver pelos termos e expressões utilizados e pelo número de editoriais que trata do assunto. Nos editoriais analisados fica claro o posicionamento político favorável de Milton Ayres em defesa da criação do estado do Tocantins.

Referências Bibliográficas

BORGES, R. M. R.; LIMA, A. P. de. **Dossiê 200 anos da imprensa no Brasil: História da imprensa goiana: Dos velhos tempos da Colônia à modernidade mercadológica.** 2008. Disponível em: http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/dezembro2008/pdf/09_Dossie9.pdf. Acesso em agosto de 2014.

CARDOSO. F. H. F. et al. *A fragmentação de Goiás e a criação do Estado do Tocantins.* Disponível em: http://observatoriogeogoiias.iesa.ufg.br/up/215/o/Painel_2.pdf. Acesso em agosto de 2014.

GUARESCHI, Pedrinho A. *A realidade da comunicação – visão geral do fenômeno.* In: GUARESCHI, Pedrinho A. (Coord.). **Comunicação e Controle Social.** 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

GIRALDIN, O (org.). **A (Trans) formação histórica do Tocantins.** Goiania: Ed. UFT – Palmas, Unitins, 2002
SILVA, Otávio Barros. *História da Imprensa no Tocantins — Palmas – Tocantins – 2003.* Cartografia Editora do Tocantins Ltda, 2003.

GREGOLIN, M. do R. V. **Análise do discurso: conceitos e aplicações.** São Paulo: Alfa. N. 39, 1995. Pp. 13-21.

LIRA, E. R.. **A gênese de Palmas - Tocantins – A geopolítica de (Re) Ocupação territorial na Amazônia legal \ Elizeu Ribeiro Lira.** – Goiania : Kelps, 2011.

LEITÃO, J. C. M. **Tocantins: Eu Também Criei.** Brasília: JCL\Brasil, 2000.

LOPES, D. F.. *Uma história marcada por censura e resistência.* Disponível em: <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2008/jusp831/pag08.htm>. Acesso em agosto de 2014.

MENESES, V. D. *Meio ambiente e televisão: um perfil da programação regional aberta no Brasil.* Comunicação & Sociedade (Online), v. 34, p. 57-81, 2012.



MORAES, D. de. **A comunicação na batalha das ideias**. 2009. Disponível em: <http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=1079>. Acesso em agosto de 2014.

OLIVEIRA, C. **Tocantins: Saga e História**. \ Cleiton Oliveira. Goiania: Kelps, 2008

TELES, M. José. **Um Rio Dentro de Mim**. \ José Mendonça Teles. – Goiânia: Oriente, 1979.

PAINKOW, A.; TEIXEIRA, I.; COSTA, L. *Jornal Norte de Goyaz: o legado da família Ayres à imprensa tocantina*. Encontro da associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia. Novo Hamburgo/RS: 14 a 16 de abril de 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/3o-encontro-2005-1>. Acesso em agosto de 2014.

REVISTA ESTADO DO TOCANTINS – Ano 9 - CONORTE - Dezembro/89 – Nº2.

SOSA, D. A. C.. **Imprensa e história**. Disponível em: [file:///C:/Users/Luciana/Downloads/BIBLOS-19\(1\)2006-imprensa_e_historia%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Luciana/Downloads/BIBLOS-19(1)2006-imprensa_e_historia%20(3).pdf). Acesso em agosto de 2014.